

(13-08-2020)

## MÚSICA

### **Gonçalo Caboz**

Estamos então em direto aqui para o *facebook* do teatro Baltazar Dias, para termos aqui um debate ou uma conversa no âmbito do Funchal cultura 2030, um programa com o objetivo de criar um plano estratégico para a cultura na próxima década aqui na Madeira, e para entrar aqui nesta conversa tenho comigo os participantes: aqui à minha esquerda tenho o Márcio Faria, Márcio Faria que foi campeão nacional de acordeão, é professor agora no Conservatório, Escola das Artes, aqui à direita temos a Vânia, que acho que dispensa apresentações, é cantora, professora de canto, foi também vencedora do Festival da Canção. E aqui em baixo temos o Paulo, Paulo Esteireiro, chefe de divisão de investigação e multimédia nos serviços de educação artística e multimédia da Direção Regional de Educação, compositor e autor, penso não estar a cometer nenhuma imprecisão.

E então vamos começar.

A minha primeira questão seria no financiamento do setor, e queria-vos perguntar que tipo de apoios ou financiamento é que podiam ser feitos para acomodar as necessidades dos músicos e artistas na região, e de que forma é que também podia ser melhorado a promoção e a criação, e manter a estabilidade do setor aqui na região. E para começar ia perguntar à Vânia Fernandes.

### **Vânia Fernandes**

Olá. Olá a todos.

Muito boa tarde, é um prazer estar cá com vocês nesta conversa.

Bem, sobre a pergunta que tu fazes a gente já pode ficar aqui durante três horas e meia, realmente há muita coisa que se pode fazer, eu acho que acima de tudo a Madeira tem sido muito abençoada nas várias gerações de músicos que tem tido, acho que é uma ilha cheia de talento, esse já é um facto, não é, acho que aqui a questão é fomentar a forma de também que eles depois de estudarem que regressem, como foi o meu caso, por exemplo, e de muitos colegas e também, ou até mesmo, proporcionar

mais estudos cá na região. Eu penso que pode passar por aí, e também pode passar por o setor voltar a ter uma, o prestígio que já teve, pronto.

Eu começo logo por jogar lume aqui, mas acho mesmo que é importante nós termos uma união nesse aspeto, na categoria de músicos vá, de alguma forma ter algum tipo de organização. Eu penso que isso poderia fomentar muito mais coisas, não é, a acontecer, quanto mais unidos nós estivermos, dos vários registos, dos vários estilos musicais, quanto mais unidos estivermos mais coisas podem acontecer, acho eu. Além disso, acho que a parte da educação pode ser fundamental para que os músicos se sintam apoiados, sintam que têm tudo cá.

Eu na minha vertente, senti necessidade de ir estudar lá fora, porque não tinha nenhum curso na área da música jazz, neste caso, hoje em dia também senti a necessidade, tenho de dizer, há muitas pessoas que dizem, ah voltaste, a nível de carreira isso pode ter sido prejudicial e tudo isso, pronto. Eu sou uma pessoa que acima de tudo, mais do que qualquer coisa, preso o estar bem, o estar num ambiente que considero saudável para viver. Eu penso que a Madeira realmente é uma terra abençoada nesse aspeto. Mas também considerei importante quando dei conta do trabalho que eu estava a fazer no Continente já, nas várias escolas a dar aulas, também dei conta que senti um chamado de tentar fazer, tentar voltar para cá e tentar passar aquilo que eu tinha aprendido de alguma maneira, e tentar acima de tudo dar essa esperança à nova geração, de “nós não estamos no fim do mundo”, às vezes há um bocadinho esse... parece que nós estamos, meu Deus, completamente isolados, estamos numa ilha... Não, é maravilhosa a nossa ilha, estamos a uma hora e meia de qualquer parte, quase não é, portanto, eu acho que é tudo uma questão do que está aqui dentro, desde que realmente tenhamos algumas plataformas que nos apoiem. E eu acho que isso pode ser fundamental, a educação, continuarmos a ter um ensino de excelência, que eu acho que cada vez mais temos, graças a Deus, acho que temos uns professores maravilhosos cá, eu também tive na minha altura, portanto, não estou a falar sem sentir essa experiência, e também termos uma organização para dar esse prestígio aos músicos, porque nós estamos a formar músicos e depois é preciso trabalho para eles e é preciso assegurar esse trabalho essa continuidade, e essa, essa, como é que eu digo, esse orgulho no trabalho, tás a ver? Dar condições para que o trabalho seja prestigioso, a gente tem que começar a prestar mais atenção a isso, nós que agora, neste momento, estamos no ativo, para zelar pelo futuro, como no passado foi, porque no passado a classe de músicos foi muito organizada, havia um sindicato, haviam condições muito

boas, muito melhores do que hoje em dia, pelo menos é o que eu oiço falar, todos os colegas como, sei lá, o Vítor Sardinha, Humberto Fournier, Jorge Borges, com quem eu também comecei a cantar, eles sempre relatavam coisas que eu dizia “a sério? Era assim?”, e eu acho que é importante estarmos unidos, não sei se respondi à tua questão, mas temos colegas que têm...

### **Gonçalo Caboz**

E desculpa interromper também...

Não acham também que, ainda há um bocado o preconceito, da música e das artes no geral? Isso também tem a ver um bocado com a educação, eu falo por mim também, os meus pais na altura não queriam que eu fosse para esta área e acham que isso também tem a ver com a educação, com a cultura, ou com o próprio financiamento?

Fazia esta pergunta também ao Paulo Esteireiro, e vou já agora passar a palavra e também a questão anterior.

### **Paulo Esteireiro**

Muito boa tarde a todos.

Naturalmente é um prazer estar aqui, com a Vânia, com o Márcio, contigo Gonçalo, a falar no fundo sobre um problema que eu penso que é, que é uma preocupação de nós todos, quer dizer, é conseguir que a área em que estamos integrados, que é a área das artes e da música em específico, que seja uma área, que de algum modo cresça, não é, nós queremos fazê-la crescer, e por isso é realmente, é preciso pensar o que é que vamos fazer nos próximos dez anos, e por isso, estou contente por aqui, mesmo nesta questão.

Eu acho que se calhar, tendo a minha formação mais voltada para área da história, eu gosto de começar as coisas pelo princípio né, e uma das coisas que eu acho é, nós quando queremos melhorar, temos que saber exatamente onde é que estamos né, e neste caso em concreto, eu acho que um dos problemas da área da cultura, da música, das artes no geral é que realmente há um grande desconhecimento da realidade concreta, ou seja, cada pessoa conhece os seus problemas, o seu dia-a-dia, portanto as suas dificuldades, mas quando saímos desse concreto para um pouco mais abstrato, se

pensarmos assim a nível, qual é que é a realidade da região no plano cultural? Nós formos para questões financeiras, para questões do turismo, esses dados estão muito bem identificados, as estatísticas são todas claras, há uma comparação a nível nacional, e em 5 segundos, quem quiser pesquisar sabe logo, quantas dormidas é que existiu há um ano atrás na Madeira, quantas existiram no Algarve, etc.

Na área da cultura, isso é um pouco mais complicado, portanto, eu acerca de dois, três anos, fiz um estudo sobre as associações culturais aqui na Madeira, principalmente no Funchal, e uma das grandes dificuldades foi a falta de dados estatísticos, de estudos nesta área, portanto, posso dizer que não havia assim estudos sobre a cultura da Madeira, portanto, não havia nenhum estudo sistemático com rigor, bem feito, e isso levou também a ver que os próprios dados estatísticos nacionais, aquilo que era os do Pordata, e todos os que são recolhidos tanto a nível do próprio Ministério da cultura são dados que, no caso da Madeira, nós mal começamos a ver percebemos, que não são muito fidedignos, ou seja, não são muito reais e por exemplo, se nós quisermos saber de coisas como: quantos bilhetes são vendidos a nível de espetáculos na Madeira?

Imaginemos, se nós queremos aumentar o valor económico da cultura, nós vamos querer, por exemplo, saber se estamos a melhorar o nível de vendas de espetáculos ou não estamos a melhorar? Estamos a melhorar a nível de vendas daquilo que são edições, músicas produzidas por autores aqui da Madeira?

Nós queremos no fundo saber, portanto, este valor global de produtos culturais vendidos e é um bocado difícil de saber. Até porque, por exemplo, os dados que existem na área da música estão misturados com outros indicadores da área de cultura, com livros, com revistas, etc., e portanto, para começar nós temos uma grande dificuldade em definir qual é o real ponto da situação em que estamos atualmente, e exatamente por onde é que queremos ir depois disso, porque eu penso que, naturalmente se nós crescermos economicamente esta área, naturalmente será benéfico para toda a gente. Quer dizer, se nós estivermos assim, se quer o governo, quer a câmara, que tem essas responsabilidades, se definirem assim: eu quero daqui a dez anos que esta área da cultura, passe da venda de cem mil bilhetes, para dois milhões.

O que é certo, é que nós vemos que, eu quando olho para os dados são muito instáveis, porque um ano aparece um x valor, no ano seguinte aparece outro, nós percebemos que até o número de promotores de espetáculos na Madeira não corresponde se calhar aquilo que nós observamos, e portanto, isso seria um primeiro

passo, conhecer bem a realidade, ou seja, eu cheguei a propor nesse estudo que fiz na altura para a câmara, 44 indicadores que era importante recolher periodicamente, e a ligação com universidades, de modo a termos um mapeamento daquilo que é a realidade atual, porque a partir daí, é mais fácil estabelecer objetivos, porque se calhar terminaria dizendo o que aquele guru da gestão Peter Drucker dizia, no fundo um objetivo que não podemos medir, não é objetivo, ou seja, aquilo que não é possível medir, não é possível gerir e neste caso em concreto, nós estamos muito ainda às cegas, estamos muito aquilo que podemos dizer aos apalpões, que todos nós andamos à volta, isto dantes era melhor, mas era melhor em quê? Quer dizer, a gente sabe que, há casos que nos contam, que a gente percebe bem, isso realmente é diferente, né, mas também ao mesmo tempo, nós hoje se calhar temos um número muito maior de hotéis, temos um número muito maior de espetáculos que são feitos de palco, as artes passaram a ser mais, muito mais de palco, enquanto dantes eram muito mais de entretenimento, se assim podemos dizer, era a mera função de tocar num bar, numa boate... Não há dúvida que nós evoluímos muito enquanto arte, enquanto entretenimento também se evoluiu, não há dúvida nenhuma que aquelas tabelas de preços que havia antigamente, de serviços, etc., que isso é um problema que nós temos atualmente e que não há dúvida nenhuma que, a concorrência desleal e aquilo que podemos dizer que é um *damping* de mercado, faz com que, atualmente haja pessoas a cobrar por serviços valores, que nitidamente precisaria de uma solução, mas é uma solução mais ao nível legislativo do que propriamente camarário, penso que não será a Câmara a resolver esse problema.

### **Gonçalo Caboz**

E depois também se calhar, o setor cultural, o setor da música, também está bastante dependente do turismo, penso eu, ou seja, sem turistas não há hotéis, não há música, especialmente para quem atua em hotéis, e já agora, queria passar também a palavra para o Márcio Faria, para ouvir a sua opinião.

### **Márcio Faria**

Olá viva.

Boa tarde.

Isto vai ser difícil depois do Paulo com aquela argumentação toda, mas pronto.

Antes de tudo quero agradecer pela oportunidade, vou falar muito da minha experiência, das dificuldades que eu senti, nas coisas que eu fiz, e nos pontos de vista. Também pegar um pouco na parte do artista, naquele conhecimento que eu tenho, próprio, e de pessoas com quem falo. O tal sindicato que a Vânia falava, eu também já cheguei a falar com pessoas, como o Rui Camacho, pessoas que me falavam do sindicato.

Mas no financiamento, eu quero abordar primeiro o conhecimento do setor, na parte da educação. Eu sou professor, no conservatório, eu tenho consciência que ser-se músico na formação já é dispendioso. Vou-lhe dar um exemplo prático, o acordeão, um menino que queira ser acordeonista, que queira fazer o conservatório todo e que queira depois ingressar no ensino superior, tem que ter talento, tem que ter uma boa orientação, mas também tem que ter quinze mil euros para investir no instrumento. Porque se não, não é. Isto é uma realidade que existe, chegar ao pé de um pai, ou uma mãe, ou o encarregado educação, seja quem for, e dizer assim, “olhe, você, o seu filho vai ser um bom instrumentista mas, é preciso gastar quinze mil euros.” É um investimento, vamos falar. Eu também tive esse problema com os meus pais, porque o problema tem a ver com a palavra investimento, porque, no pensamento, e na forma de pensar dos pais, tem a ver com a questão daquilo que eu vou investir e que ele vai recolher no futuro. Se eu vou investir quinze mil euros só para ele fazer o conservatório e depois ir para outra área, não tem muita lógica, não tem muita lógica eu estar a investir esse valor, para depois ele não seguir na sua profissão, pronto. Também não tem muita lógica, de eu estar a investir os seus quinze mil euros e depois o que ele vai rentabilizar disso, ou nem sequer vai conseguir fazer a vida total sendo músico, não é? Pois também é a realidade de muitos colegas, eu não faço vida só enquanto músico, sou professor, e estamos a falar de um investimento que há na educação/aquilo que se vai recolher e ainda há aqui um problema.

Em conversas com colegas, isto pronto, relativo a esta primeira situação do financiamento, em conversas com colegas que já tive em várias *master classes*, existe um apoio estatal, lembro-me de falar com uma colega da China, que me falava, que quando começou a estudar o acordeão, o estado, ou seja, não sei se é o estado em si, ou se foi o conservatório, pronto, mas ela disse que era a situação pública, pronto, ajudou na aquisição do instrumento, e depois recolheu o fruto, ou seja, disseram assim: “nós apostamos na tua formação, vimos que tu tens talento, nós apostamos na tua formação, ajudamos na aquisição do instrumento”, porque tamos a falar, por exemplo, no acordeão

que custa quinze mil euros, um encarregar educação que tenha o ordenado mínimo é impossível, é impossível, eu já tive alunos cujos pais, o rendimento era inferior a trezentos euros, e o miúdo era muito talentoso, e agora? Como é que eu chego ao pé do pai e digo assim, olhe pai vou gastar do seu dinheiro. É difícil, é difícil. Mas entretanto essa colega, que estava a dizer da China, o estado apoiou na aquisição do instrumento e depois ela retribuiu, ela deu aulas e deu uma série de concertos quando voltou do seu estudo. Este tipo de protocolos existe, eu não sei, não é uma coisa que procure, mas provavelmente, depois mais à frente já vou dar a minha sugestão sobre esta parte do financiamento, principalmente nessa parte da educação, que eu acho que para além da educação dos alunos, também a nossa própria educação, estudo, que eu acho que as pessoas que estão ligadas à música têm de investir também na sua formação. E também acho que é de interesse, por exemplo, das próprias instituições que existem cá na região, apoiar esse investimento, na medida que também possam recolher frutos. A Vânia deu um exemplo perfeito, que ela foi, tirou o curso, mas depois sentiu a necessidade de voltar cá e trazer o conhecimento.

Eu conheço n pessoas que fazem isso, eu conheço professores que tem sete, oito, nove alunos e cada aluno é enviado para uma escola superior diferente, países diferentes, e cada um traz e recolhe informações, e traz para o seu professor e para a sua instituição. Isto é fantástico. Isto acontece na Sérvia, pronto, digo na Sérvia, porque é onde eu conheço. E, o próprio conservatório de lá, ou a escola, apoiam esses alunos, e existe, lembro-me de um colega que é também compositor, o Gorka Hermosa, que me falou uma vez, que disse que há apoios europeus para esta tipo de apoio, há apoios para ajudar os professores, os músicos, os alunos, para poder ir. É preciso é fazer as candidaturas, e essa parte burocrática é extremamente complicado, né? Mas existem, e às vezes são esses apoios que estão a andar de um lado para o outro e que ninguém sabe se quer que existe.

A minha sugestão, provavelmente, uma grande sugestão, que poderia dar, era realmente encontrar um organismo, como a Vânia estava a falar já, não digo que seja o sindicato, não sei, mas um organismo que para além de unir o grupo, que também pudesse ter esta tarefa, pudesse tipo, é importante haver um conjunto de pessoas que se dediquem um pouco nesta vertente de procurar fundos, de apoiar os estudantes que têm talento, que têm o desejo de ser bons músicos, porque a Vânia também disse e muito bem, disse a Madeira é extraordinária em músicos, temos muitos músicos, muitas pessoas, há pessoas que vêm cá do continente, colegas meus que chegam cá e ouvem os

meus alunos, e dizem: espetacular o sistema, gostam da forma como... O Paulo deve saber que o conservatório de cá é o que tem mais alunos dos conservatórios todos do país, lembro-me em conversa com o professor Carlos que, ou seja, há muitas inscrições, há muitos meninos, há muitos pais que matriculam os meninos no conservatório, não é simplesmente porque querem, eles acreditam um pouco naquela parte das artes e da importância das artes na formação.

Eu acho que provavelmente o financiamento podia ajudar os alunos, como eu disse, é difícil é difícil, e investir numa carreira de músico é difícil.

Em relação à parte do setor mesmo, a verdade é que ultimamente nestes poucos anos, a gente tem visto um aumento, como o Paulo estava a falar, um aumento enorme, por exemplo, o teatro, já disse à própria Dra. Sandra, o teatro abriu as portas há uns anos atrás como eu nunca tinha visto, não sou só eu que vejo isso, por exemplo, quando toco nos hotéis, e vêm uns clientes da Alemanha e dizem assim: “oh, o teatro está cheio de espetáculos, o teatro está aberto e a gente pode entrar!” Eles dizem, e são pessoas que têm um estatuto, eu acho interessante, porque eles vêm à região não só para olhar para as paisagens, mas para assistir a espetáculos, eu acho isso incrível. Já há um cultivo de que existem artistas na Madeira que dão interesse às próprias pessoas que vêm, ou seja, o turismo vem para assistir a determinados espetáculos, por exemplo, toco com a Banda d'além, com o professor Mário André, e há situações nos hotéis, que eu vejo, que eu olho para a frente e vejo que oitenta por cento das pessoas que estão a assistir, não são sequer daquele hotel, vão lá para assistir à Banda d'além. Que eu acho isso incrível, vão lá para assistir à Banda d'além, e que marcam todos os anos a viagem, estão cá duas semanas e nessas duas semanas, onde a Banda d'além vai, eles vão. Isto para perceber que nesta parte de financiamento, e investimento, o vender também é cultura, como uma coisa boa que existe na região, é uma coisa positiva, e existe já, e é preciso saber apostar, há um conjunto de turismo que vem cá à região para assistir aos artistas madeirenses.

### **Gonçalo Caboz**

Por isso mesmo é que eu estava a dizer que a música, principalmente aqui na Madeira, estava bastante dependente do turismo e especialmente nesta época de pandemia sentimos uma quebra imensa por causa disso também.



## **Márcio Faria**

Pois, só em título de conclusão, eu acho que organizar uma instituição é, como já existiu antigamente, o tal sindicato, era uma grande mais-valia, não só na parte do investimento, e na ajuda do investimento na formação dos novos artistas, se estamos a falar num plano de mais de dez anos, daqui a dez anos já existem mais artistas madeirenses, não é, mas também na reorganização do próprio setor, e também no apostar, e no criar oportunidades, que eu também acho que isso é uma situação interessante, criar oportunidade às pessoas, porque quer queiramos, quer não, somos ilhéus, estamos presos, não é, e depois, isto é para a frente, para outro tema, não é, mas há nesta parte que repensar...

Já vou-me calar que é para alguém falar também.

## **Vânia Fernandes**

Gonçalo, mas se tu me deixares, eu vou responder à tua pergunta, que os meus colegas são maravilhosos, mas eles não responderam bem à pergunta de, a questão dos pais apoiarem ou não.

Pronto, o que eu acho sobre isso, por acaso eu sou um daqueles casos que os meus pais sempre apoiaram e quer dizer, se não tivessem apoiado, se calhar eu não estava aqui hoje, porque eles literalmente levavam-me às coisas sempre, de um lado para o outro desde que tinha 12 anos. Ia cantar aqui e acolá e eles iam sempre e sempre tiveram muito orgulho que eu seguisse música e pronto, tinham um orgulho muito grande, mas é verdade que não se verifica assim com toda a gente, infelizmente. Eu tenho muitos alunos que passam por isso, que os pais temem um bocadinho pelo futuro incerto deles, precisamente pela sazonalidade do nosso trabalho, do ser músico, e quer dizer eu conto com os dedos em Portugal, quantos músicos profissionais existem, que só vivem da música e que não apoiam-se, por exemplo, em gestão, ou em organizar eventos, ou em dar aulas, ou em, quer dizer, há sempre várias, há várias complementaridades para a arte em si, ou produção, ou coros, do ponto de vista dos cantores, ou mesmo os músicos serem *sidemans* de outros músicos, quando não são os *frontlines*, sei lá, há muitas até, estou-me aqui a lembrar uma das maiores mestres para mim, foi a Maria João Granja, Maria João também é professora, não é, e Maria João, Mário Laginha esse pessoal todo não é? E então, isso causa bastante incerteza aos pais

preocupados, é natural não é, quer dizer, que os pais querem que os filhos tenham um ordenado todos os meses, mas aqui para mim Gonçalo, a única forma, quer dizer, eu acho que em geral a população está mais sensibilizada, cada vez mais para a questão de nós termos de fazer aquilo que nos deixa mais feliz, é isto que eu digo sempre aos pais preocupados que às vezes me surgem na sala, “mas vai para o curso profissional?”, “e quais são as saídas do curso profissional?”, “e o que vai acontecer?”, “e se não entrar na universidade?”, e isto tem outro problema, não é, quer dizer, pode acabar aqui o 12º bastante bem, e depois pode não entrar na universidade, que nas universidades às vezes entra uma pessoa de instrumento ou duas por ano, quer dizer, é uma coisa caricata, porque o ensino artístico é muito caro, e realmente, pronto, entra assim muito pouco, tem muitas poucas vagas, e parece que tem poucas oportunidades. Às vezes é preciso estar dois anos, três anos a fazer provas para entrar finalmente. E é verdade que é um mundo muito difícil, mas eu acho que cada vez mais as pessoas entendem, que é importante fazermos aquilo que mais amamos, e já lá foi o tempo que tirar um curso era trabalho garantido, não é? Quer dizer, aqui há dez anos, quinze anos, vinte anos, se calhar, estava com engenharia e vou ter trabalho logo a seguir, ou vou para médico, tenho trabalho, quer dizer, os médicos e os enfermeiros acho que tem sempre, quase sempre vagas, mas, mesmo nem sempre é assim, na verdade, também não quero estar aqui a dizer que não conheço a realidade. O que eu penso, além dessa sensibilidade, que poderia ser criada a nível de financiamento, precisamente. Esta história do sindicato, que nem quero dizer bem sindicato, ou uma coisa qualquer, não sei que organismo seria, mas esta questão das tabelas, como o Paulo estava a dizer, para mim é a única coisa que faz sentido, porque a gente não vai a médico nenhum, sem saber mais ou menos o que é que a gente vai pagar, não é? Existe uma tabela, existe uma tabela para os médicos, para os eletricitas, para isto, para aquilo, quer dizer, se tu conheces algum eletricista amigo, faz-te um trabalhinho e faz-te um preço especial, mas se não, vais a uma oficina de mecânica, existe um preço por hora, um preço por hora para trocar esta peça, para isto, para aquilo, não é? Depois vem aquela conta grande... Isto para dizer que nos músicos já houve isso, concorde-se ou não se concorde com a forma como estava, era importante haver qualquer coisa que realmente, é pá, houvesse aqui uma, uma... que desse alguma estabilidade, é porque há situações caricatas hoje em dia e os, pronto, tendo em conta a situação da Madeira, porque a Madeira, apesar de tudo, é um sítio onde tem muita música ao vivo, verdade não é Gonçalo? Estás agora a viver em Lisboa, não é, e quer dizer, eu vivi em Lisboa nove anos, tinha lá alguns *gigs* obviamente, mas, quer dizer a

nível de... tinha mais concertos, também, pronto, não se pode ter tudo, como Paulo estava a dizer, às vezes há esta dicotomia, por um lado música de..., para... música de segundo plano, vamos dizer assim, e música em primeiro plano, e portanto hoje em dia também há muitos mais concertos, os artistas madeirenses como concerto, não é? Teatro Municipal, estas coisas maravilhosas que a gente ouve, mas, a questão de nos hotéis ou nos bares, aqui na Madeira, não sei se é por estar concentrada, há muita coisa, aqui, mesmo antes de ir para Lisboa, eu trabalhava sete dias por semana, não é? E alguns eram concertos e alguns eram bares, música ambiente e tudo isso, e portanto, o que eu sinto é que é muito mais fácil de..., como é um meio pequeno, e as coisas passam-se muito depressa, quem pratica preços menos nobres, vamos dizer assim, ou fora do *standard*, fura, e o problema de furar, e o perigo de furar a coisa é de estruturar como de há uns anos a gente tem sentido, e a gente ouve algumas histórias, e não sei o quê, não sei que mais, e entristece-me, e isso é que causa depois mais instabilidade para que não hajam trabalhos fixos, compreendes o que estou a dizer? Nós neste momento temos na ilha da Madeira toda, com tanto bar, e tanto hotel, e tanta música ao vivo, graças a Deus, que há, só temos um contrato, um contrato de música, **que há? ali do meu colega ??** **Pereira 00:31:22**, que trabalha ali Belmont Reid's Palace. Portanto, isto é estranho, e quem é que se aproveita disto? Só quem, as pessoas que contratam, não é? Porque é mais baratinho, olha, houve pandemia não é? E eu por acaso estava a trabalhar em várias, em várias unidades hoteleiras, o que é que aconteceu, a partir do momento que foi cancelado, foi cancelado tudo, também ninguém me pagou aqueles dias, não é verdade? Não trabalhei, não recebi, mas se houvesse um contrato, se calhar haveria uma proteção maior para os músicos e portanto, quando há esta proteção e quando há tudo isto, se calhar estamos também a investir para que a profissão de músico profissional seja cada vez mais protegida, e então, para os pais não terem esse estigma, digo eu, não é, digo eu.

### **Gonçalo Caboz**

E já agora, já que falaste em contratos ia perguntar, era a próxima pergunta que... passo a palavra ao Paulo Esteireiro, que tem a ver com a profissionalização dos músicos e de tudo o que envolve a música.

### **Paulo Esteireiro**

Mas eu creio que a questão do financiamento e da profissionalização estão muito ligadas, até porque, se nós formos a ver nós temos muitos parecidos e o problema que a Vânia estava a falar, biscateiros, não é, a lógica é quase um biscate daqui, um biscate ali, e depois vão furando com preços muito baixos, e isso acaba por ser problemático a vários níveis, por exemplo, eu perguntei uma vez a músicos ingleses, por causa dessa questão, porque eles também têm esse lado do sindicato, o que é que acontece, porque nem todos estão sindicalizados, e cá na Madeira também não estariam todos, e o que acontece é que na Inglaterra, uma retaliação que eles faziam era, deixavam de tocar naqueles bares, portanto, o sindicato dizia, nenhum músico vai tocar a partir de agora naqueles bares e ficavam quase como locais proibidos para músicos. Eu não sei muito sinceramente se isto é uma solução pragmática aqui para a Madeira a curto prazo, porque realmente já foi tentado, há uma certa desunião entre os músicos, o Vítor Sardinha dizia com alguma piada que a ordem dos médicos, a Ordem dos Engenheiros, e a desordem dos músicos, penso que todos já o ouviram a dizer isso várias vezes, mas eu penso que é possível profissionalizar os músicos, e aqui a questão é, isto até também é uma batalha do diretor artístico da orquestra clássica que é, às vezes o dinheiro é muito redistribuído por muito espetáculo amador, e às vezes poderia-se apostar mais na profissionalização. Isto é um dilema nacional, que todas as Câmaras Municipais o têm, se devem apoiar as muitas estruturas amadoras, ou se devem incentivar os poucos profissionais a profissionalizar-se, é um dilema que obriga a decisões políticas e tem a ver com a realidade de cada autarquia, naturalmente.

Agora há coisas práticas, que eu penso que não chocam ninguém, e eu vou dar o exemplo, por exemplo, do Plano Nacional das Artes com o conservatório e escola das Artes vai entrar no próximo ano letivo, e uma das motivações para o conservatório, porque eles apoiam com o programa artista residente, em que pagam um valor mensal com um x número de horas que, acaba por ser quase um ordenado completo para o artista residente, e eu penso, que por exemplo, vamos falar em profissionalização, aqui alguns casos. A haver um programa para candidaturas para quinze, vinte músicos, serem artistas residentes, estamos a falar aqui em museus, em associações de coros, de bandas filarmónicas, orquestras de bandolins, os grupos, portanto, todo este tipo de associações que nós temos cá na Madeira, e que são bastantes, e que muitas delas até têm representações bastante interessantes, como as filarmónicas têm uma associação de banda filarmónica, os grupos de folclore, tem uma ação de folclore, os bandolins igual,

a haver uma cota de artistas residentes para estas associações, e a permitir que diversificássemos um pouco a estabilidade do músico profissional. Que atualmente a estabilidade, é um pouco como o exemplo, nós temos aqui, naturalmente, não é para elogiar a Vânia só por estar aqui presente, mas, é sem dúvida um dos pontos máximos da música aqui, a nível de profissionais da Madeira, e acaba por ter que ser professora para também exercer a música, ser profissional de música, né? Naturalmente, que além da educação e professor também poderia haver este programa de artistas residentes nestas associações como estava a dizer, e não há dúvida que num museu podia revolucionar, tal como numa banda filarmónica, num coro, num grupo música tradicional, porque poderiam ter atividades, conferências, fazer arranjos musicais, portanto, um conjunto de atividades que depois dependeria das competências de cada artista residente, naturalmente.

Também digo isto, e penso que uma das coisas que também me faz um pouco confusão, ainda agora nesta questão da pandemia, nós percebemos que havia músicos que resistiram melhor à pandemia que outros. E esses quais é que eram? Os que tinham grandes dividendos de direitos de autor, por exemplo, aqueles músicos que sobreviviam muito do verão, ficaram muitos com vários problemas financeiros, todos, mas dentro desses, eu vi vários a entrevistar na televisão, a serem entrevistados, que diziam, pois, o que me valeu aqui ainda são os direitos do autor, do que vai passando na rádio, do que vai passando na televisão.... O que se passar na televisão, acaba por ser ainda um dividendo interessante ao final do ano, bem melhor do que investir em ações ou outras coisas, portanto, o direito de autor que passa televisão e na rádio, somados depois ao final do ano, um artista que tenha várias músicas publicadas, acaba por ser uma fonte de receita alternativa que pode ser relevante. Cá na Madeira, eu acho que também era uma das coisas que poderá haver um programa, fala-se tanto em patentes nas outras áreas, né? Mas insistir tanto com a criatividade, com o registar as músicas, para que RTP Madeira, a RDP Madeira, que, tal como se faz a nível nacional, que fosse informando sempre que passa uma música de um autor madeirense a SPA fosse informada, não é?

Todo esse tipo de questões, seriam fontes de receitas alternativas que iriam permitir também, é um extra, tal como temos o artista residente, se tivermos também os direitos de autor, estas músicas registradas todas, portanto, até rendiam, é a velha máxima do grão a grão enche a galinha o papo, mais os concertos, mais tudo, já permite uma vida, e permitam-me ser um pouco não sei se saudosista, bem melhor que era aquela dos músicos de há 30 ou 40 anos.

Se nós conseguíssemos com as ferramentas da atualidade, conseguir ter todos os estes tipos de receitas, que incentivássemos realmente a criatividade, isso seria importante, mas depois tem outra coisa que me faz confusão, que é, nós temos até um circuito nacional bastante interessante a nível de teatros, a nível de teatros no Minho, teatros em Bragança e teatros aqui em Viseu, teatros vários em Lisboa, e, há vários promotores de espetáculos que pegam nos seus artistas e que fazem *tournées* por esses teatros, conseguem esses acordos, e eu não vejo, porque é que a nível regional não poderíamos de algum modo conseguir ter uma cota, até porque a Madeira acaba por ter sempre um lado exótico, eu acho, não é, para as pessoas do Continente, a Madeira e os Açores são ilhas, há um lado exótico, ter ciclos de música madeirense nesses teatros, em que no fundo, aquilo que teria que garantir, seja o governo, seja a câmara, seja quem for não é, seja garantir que houvesse um ciclo dedicado à música, em que garantisse, exatamente o pagamento das viagens e da estadia para lá ir, ou seja, seria uma espécie de coparticipação para haver isso, também seria um programa interessante que ajudaria exatamente a exportar aquilo que é os músicos de cá. Porque nós temos provavelmente uma taxa de importação de música extremamente elevada, e nada justifica porque realmente temos um investimento na educação tão forte, com dois mil e duzentos e tal alunos no conservatório, com ensino de excelência para a área das orquestras, do canto, do jazz, o que é que justifica que nós não tenhamos criatividade e não consigamos que estes músicos produzam as próprias obras e que depois participem nesse ciclo de teatros?

Eu penso que aí também havia um lado para investir, e portanto eu acho que não me querendo alongar muito, portanto, para não monopolizar a conversa, eu acredito que nós estamos neste momento numa fase de grande semiprofissionalização e amadorismo, e era importante realmente haver um conjunto de programas estruturais, os tais que sejam as tais metas que estabelecemos a dez anos, né, dizer assim, ao fim de dez anos que hajam cem espetáculos patrocinados pela..., com participação da Câmara nos teatros nacionais né, que ao fim de dez anos haja pelo menos um valor de vendas no *iTunes*, no *Spotify*, etc, de x valor de músicas registadas, que haja um conjunto de receitas de obras passadas na RTP Madeira na RDP nas rádios de autores madeirense. Ou seja, começar a apostar realmente em estabelecer metas que tragam um valor, e permitam um olhar para a música, que é uma área naturalmente *freelancer* a nível mundial, ou seja, nós vemos poucos? 00:40:24..., esta instabilidade dos músicos, é igual nos Estados Unidos, Inglaterra, cá, só com a diferença que há mais

oportunidades e estas coisas dos direito de autor, e dos espetáculos, e dos concertos, e que não há cá favorzinho para tocar de borla, isso é que está mais enraizados no sentido da defesa daquilo que é a profissão de músico.

### **Gonçalo Caboz**

Ok, e já agora para não alongarmos muito mais, vou passar à pergunta seguinte que é, quais é que são as vossas perspetivas da música no geral aqui na Madeira para o futuro.

Passo já agora a palavra ao Márcio.

### **Márcio Faria**

Eu concordo inteiramente com o que o Paulo Esteireiro estava a dizer, acho que se falamos no futuro da ilha, se falamos no passado, presente e futuro, vai muito de acordo com aquilo que o Paulo estava a dizer, para este pequeno diálogo, eu tinha duas palavras que estavam sempre presentes na minha cabeça, que é aproximação e oportunidades. Ou seja, a criação de oportunidades é extremamente importante, o Paulo falou numa situação do circuito, não é, circuito de teatros, que eu acho que isso é uma coisa estrondosa, não existe só no teatro, também existe em unidades hoteleiras, por exemplo, um grupo pestana tem hotéis que não é só na Madeira, tem hotéis em outros sítios que possa também fazer eventualmente isso, eu sei que isso já aconteceu, intercâmbios, ou seja músicos por exemplo do Algarve virem cá e nós irmos lá, por exemplo, não sei, porque a questão às vezes, a oportunidade cria-se no momento, é criar o momento, e a partir desse momento, é preciso dar o alimento para depois a pessoa poder evoluir.

Outra questão que eu acho que isso, devia ser repensado e fomentado no futuro, essa tal criação de oportunidades, desde esses circuitos, desde outros, outras iniciativas, das associações como o Paulo estava a dizer, outra coisa que também acho, que é importante, que também concordo muito, a 200% como se diz, não é, que é o que o Paulo estava a falar, tem a ver com o apostar, o transmitir a música, quer na rádio, quer na televisão, realmente eu tenho colegas que me falam sobre direitos de autor e sobre o rendimento que têm e que é que é considerável, e que depois, isso também, isso também influencia um pouco, eu já ouvi colegas a falar aqui, que às vezes não compensa pagar a



taxa dos direitos de autor porque não sabes se vais se quer recolher essa taxa. Pronto já ouvi isto, isto parece uma coisa estranha, mas, o que vai de acordo com aquilo que o Paulo estava a dizer, que é o investir, que provavelmente não é pouco, pronto, já sabe que há ali uma taxa legitimamente, pronto, não interessa, mas com o intuito depois de recolher. Mas como é que se consegue recolher? Apostando, passando a música na televisão, na rádio, aqui são partituras, de CDs, *iTunes*, pronto, aquilo que for.

Há uma coisa que a pandemia veio aqui dar de bom, veio potencializar as plataformas digitais e isto pode ser rentabilizado, por exemplo, vejo pessoas como o Miguel Pires a fazer entrevistas extraordinárias, vejo concertos também, a única coisa que me faz confusão, é realmente ser gratuito, ou seja, eu acho extraordinário aquilo que eles fazem, mas pronto, o problema está aí, através de ser gracioso. Mas, acho que o futuro, o futuro da música da Madeira tem a ver com aproximar a ilha e também os músicos da ilha ao mundo. E acho que isso pode-se fazer em vários sentidos, nomeadamente nos tais circuitos, nomeadamente também no apostar na formação, dar oportunidade ao músico de ir procurar outro reportório, de ir trabalhar com outras pessoas, depois trazer aquilo que recolhe aqui, não é só para educação, também para própria hotelaria, para os próprios espetáculos, por exemplo, eu vou aqui lançar aqui uma achega, eu acredito que um próprio Teatro Municipal Baltazar Dias, tinha interesse que houvesse um músico, um conjunto de músicos, ou artistas, que pudessem fazer uma espécie de formação e trazer novidades e ideias frescas, musicais, artísticas, e que pudesse depois fazer os planos, os trabalhos no próprio Teatro. Como também pronto, tenho conhecimento do plano também do Conservatório, que também acho excelente e acho que o caminho também parte por aí, que é também aproximar os próprios professores de música que muitos deles são músicos também, e que traz também um grande benefício, eu concordo outra vez com a ideia, acho que isso era um caminho também, pequeno médio prazo, que é realmente dar condições de contratação aos músicos, caímos no exagero, haviam músicos que tocam há anos no mesmo hotel, e sempre recibos verdes, isto não tem lógica. Eu conheço músicos e grupos que tocam há mais de vinte anos no mesmo hotel, a recibos verdes, não tem lógica nenhuma, isto tem que haver aqui um mecanismo para associar uma espécie de contratação, nem que seja, não sei... não tem lógica ver a precariedade, que nós sabemos, o recibo verde é precário, a situação do recibo verde é precária, também como o próprio Teatro ou a Casa das Mudanças ou Fórum Machico, são sítios maiores, não ter artistas residentes lá, ou um grupo de bailado, ou uma orquestra residente, isto porque a gente já reparou numa



coisa, aqui há uma coisa que acho muito importante dizer, que é, eu acho que há um grande consumo de cultura na Madeira, acho que toda a gente concorda com isto. E mais, eu já estive na Casa da Música do Porto, em que havia espetáculos que estavam três pessoas, quatro pessoas, e estamos a falar numa casa com nomes excelentes, que eu acabei o concerto e disse para mim, porque é que isto não está cheio. Conheço pessoas que trabalham diretamente com a casa da Música do Porto e falam que aquilo não é uma situação única, que aquilo acontece imensas vezes. Então dando o exemplo aqui, eu já fui assistir a vários concertos da orquestra clássica, que estão cheios, estão esgotados. Cheios! Eu tive o prazer no ano passado de fazer o musical *Snow Queen*, em que nós na estreia, já tínhamos a casa toda cheia, ou seja, o público madeirense, e quem está na região, o próprio turismo, frequenta, enche as casas, e acho que isto é aproveitar esta bitola, este arranque para o próprio, que é como o Paulo estava a dizer, profissionalizar os músicos, contratar, criar artistas residentes, se há um consumo, tem lógica haver isto, há um consumo massivo de, se fosse um sítio onde não houvesse espetadores, não, mas isto existe, nós na Madeira, as pessoas na Madeira consomem cultura, consomem e acho que tem toda a pertinência pensarmos nisto, é aproximar, criar oportunidades, não só cá, e fora, às vezes é mais fácil a nível institucional, como existem os tais roteiros, né, e, apostar realmente não na precariedade e nos contratos mesmo contratos, na profissionalização como o Paulo bem diz, deixar-se só do amador e do semiprofissional, mas começas a apostar na profissionalização mesmo, no ser profissional, poder depender e viver apenas da música.

### **Gonçalo Caboz**

E depois veio o covid e estragou tudo.

E já agora vamos para a última questão, que medidas é que vocês acham que são urgentes neste momento, especialmente neste momento de pandemia, passava agora a palavra à Vânia.

### **Vânia Fernandes**

Olha, eu concordo com tudo o que foi dito e acho que tudo está na verdade a encaminhar-se para essa tua última questão.

Tenho aqui só três pontos que gostava de falar, e também vai de encontro a essas medidas que concordo que se deveriam procurar.

O Paulo estava ali a falar da SPA, da importância da SPA, para a vida dos compositores e dos autores. Mas existe uma plataforma, existe uma instituição, não sei se estou a dizer bem o termo, mas pronto, existe uma organização, vou dizer assim, chamada GDA, a GDA é a gestão dos direitos dos artistas, ok, pronto, é mais o meu caso e lembro-me quando sai da Operação Triunfo tive alguém que me levou logo a esta organização para me tornar sócia, da qual sou até hoje porque aquilo paga-se uma taxa para ingressar e depois somos sócios a vida inteira, pelo menos na altura era assim. A gestão dos direitos dos artistas, também pode ser muito importante, todos os artistas que estão nos a ouvir, a tudo o que seja a nível de música, tudo o que seja discos, que tenham participado, CDs editados, podem receber uma taxa no final do ano e há mais uns apoios anuais que sempre podem tentar ingressar, no entanto, a questão da televisão, de participações em televisão, continuam sem ser, remuneradas, é uma batalha que a GDA anda a travar desde 2008, pelo menos, desde que eu tenho esse conhecimento e que não faz sentido nenhum, não é? Então se estão a passar um programa que eu participei há dez anos atrás, não é, sou eu que estou ali, se eu não abdiquei, se eu não cedi os direitos, porque é que eu não hei-de receber os direitos disso, da imagem, mas os direitos de imagem são sempre muito complicados, porque interessa que seja para alguém, não é? Pronto, deixo aqui essa dica da GDA, pelo menos para quem não conhece que vá à procura, pelo menos para quem editou qualquer coisa ou participou nos coros, ou qualquer coisa, pode dar qualquer coisa.

Sobre as plataformas digitais, que o Márcio estava ali a referir e muito bem, realmente a quarentena trouxe, graças a Deus pela internet, e por este desenvolvimento digital que nós temos hoje em dia e que estamos podemos estar tão ligados não é, porque senão eu acho que teria sido uma fase ainda muito mais solitária e muito mais difícil para muita gente.

As plataformas que a gente tava a falar em *off*, ainda há pouco, com o Márcio e com o Gonçalo, estávamos a falar sobre as aulas, como é que foram as aulas neste período de quarentena e pronto. Na minha área graças a Deus, continuei a poder dar as aulas, tive de me transformar, tive de reinventar as aulas, essas coisas todas, esse trabalho que todos os professores tiveram de fazer brilhantemente que haja genialidade e que hajam aplausos para eles, tanto para eles como para os alunos, como para os pais, que eu não sou mãe, ainda, mas, via a minha irmã o que passou com os filhos e o

acompanhamento que foi exigido, foi um trabalho muito difícil. Mas, esta questão dos músicos nas plataformas digitais é muito interessante, eu acho que as plataformas digitais podiam ser muito mais bem aproveitadas nesse sentido, por exemplo, agora a maior parte dos hotéis ainda não voltou à animação normal, e porquê? É uma questão de ainda não haver clientes suficientes? É uma questão de distanciamento? Mas então podiam pôr o músico a tocar no seu bar, como normalmente e emitiam diretamente para as televisões dos quartos, e se os clientes tivessem pedidos, até podiam fazê-lo de forma, sei lá, arranjavam para lá um *chat* qualquer do grupo do hotel e o músico “ah querem ouvir o *Strangers in the Night*? É para já, vamos embora!”

Porque não? Os bares é a mesma coisa podia funcionar, mas nunca há-de funcionar se a malta continuar a facilitar isso, estão a perceber?

É só isso que eu acho, eu acho que é preciso haver dignidade do que a gente faz e é preciso menos no meu instrumento e o que mais se ouve é “cantar? é só abrir a boca”. Pois é só abrir a boca parece e vai continuar a ser assim se eu não fizer valer esse respeito. Também cabe-me a mim dizer que, não é bem assim, isto deu muitos anos de trabalho e tive que pagar muito, houve um investimento muito grande, uma série de coisas que a gente sabe que a nossa vida fica toda atrasada em relação, sei lá, eu quando entrei na universidade os meus colegas estavam a sair do mestrado, porque no canto, a voz à vinte anos atrás a gente só entrava no conservatório com dezassete anos, portanto, eu tive de fazer o liceu, depois tive de andar para trás e fazer o liceu, curso profissional, do conservatório e depois estar então apta para a Universidade dos vinte e três anos, quer dizer, e a vida anda toda para a frente não é, e ok, saí da universidade, sei lá, aos trinta, para aí, com mestrado e não sei quê, não sei que mais e tudo anda mais pra frente, as minhas colegas já tinham filhos, e casas, e não sei o quê, não sei que mais, e eu nem um empréstimo posso pedir, podia pedir na altura porque andava a recibos verdes, aliás, sei lá, tanta gente que eu conhecia que trabalhava a vida inteira, tinha trabalhado a vida inteira em trabalhos normais, vamos lá dizer, eu com dezoito anos abri atividade, a única coisa que eu fiz foi que fazer dívida na Segurança Social, todos os meus colegas que trabalham nos recibos verdes sabem que isso é a mesma coisa do que o demónio, afastem-se disso, mesmo, porque é muito complicado trabalhar a recibos verdes e pagar à segurança social e essas coisas todas, é muito é muito *tricky*, há muitos truques, e eu hoje em dia estou sempre a aprender, parece que a gente tem de tirar um curso para pronto, para sabermos mesmo bem de aqueles truques todos que eles lá têm, e para estarmos sempre a adaptar que às vezes nem eles próprios que trabalham lá, dão as

informações todas iguais, às vezes a gente vai um uma filial eles dizem uma coisa, vamos no outro dia a outra já me dizem outra. Pronto, e então isso só para dizer que, a questão das plataformas digitais que eu acho que podem ser rentabilizadas, e eu acho que podem ser bem aproveitadas como felizmente a nossa Câmara municipal, e eu tive a honra de participar num desses concertos, comprou um concerto para ser transmitido *online*, isso sim, é uma coisa, porque não? As pessoas estão em casa, é verdade, mas se querem ver uma gravação do artista podem ver uma gravação do artista, agora se querem ver um espetáculo *live*, para mim tem de participar, tem de dar qualquer coisa, e quer dizer, eu acho que esta coisa tem que ser tem que ser uma coisa normal, não é? Eu também durante a pandemia, não pode ter aulas de yoga pessoalmente, mas paguei uma taxa para ver as aulas no zoom, pronto, é normal, eu acho que estas coisas devia ser normalizado.

As residências artísticas, Paulo, eu acho plano maravilhoso, eu acho mesmo, é isso mesmo, eu acho que isso é o futuro, eu lembro-me de um colega da faculdade, aqui há uns anos, que ele fez um estágio, uma residência artística numa aldeia no Alentejo, na altura que estavam a promover, não só a questão do músico profissional, mas também a questão de compor, composição e até o resultado dessa residência artística puseram um CD, a gravar um CD, foi um prémio, uma coisa que ele candidatou-se, não sei dizer bem o que é, mas tinha a ver com viver e compor, trabalhar, com os artistas ou com as pessoas daquela terra, daquela aldeia e depois isso iria sair num disco. Eu acho isto, isto é que é o futuro, para mim eu acho isto, a possibilidade das residências artísticas, comungarmos com outras culturas, eu acho que é mesmo por aqui e a desculpa da insularidade, de estarmos numa ilha, não pega pessoal, não pega, porque hoje em dia eu vejo tanto projeto lindo, lindo aqui, a ser apresentado nas várias salas aqui da Madeira, e que às vezes não rodam as salas todas e podiam rodar, às vezes ficam só aqui pelo Funchal e pelas Mudanças e pouco mais, podiam rodar aqui, nem que fosse nas casas das culturas todas, as casas do povo, sei lá, levar cultura às pessoas, que as pessoas adoram e concordo contigo Márcio, eu acho que as pessoas adoram, às vezes têm uma certa preguiça em pagar, mas isso é uma coisa que tem que ser aos poucos, a gente também tem que começar a acostumar e faz parte de, por exemplo, na Holanda eu lembro-me de ficar com uma família que, uma casa humilde, as pessoas eram muito humildes, mas, reservavam sempre, todos os anos iam à Eurovisão, fosse onde fosse, a família ia toda à Eurovisão, não eram ricos nem nada do género, mas, era aquele o acontecimento para eles, ir ao teatro, ir, era uma coisa mesmo importante, mesmo que

não tivessem dinheiro, se calhar, em vez de para ir para o café todos os dias, como a gente gosta de fazer, mas aquilo era mesmo importante para eles, e portanto, eu acho que é uma questão também de educação, as pessoas valorizam também se a gente começar por valorizar, agora se a gente começa a banalizar a coisa, é meio caminho andado para virem atrás da gente e pumba, agente ainda cair mais.

E eu acho que esta questão de ligar os vários teatros, às vezes há projetos tão bonitos e depois ficam só aqui, e que podiam ter uma projeção muito maior a nível nacional, e às vezes ficam pelo caminho, porquê? As passagens são caras, é preciso hotel... Eu tive num projeto, que andou naquelas salas todas do Alentejo, eu não sabia que havia tanta terra lá, e no norte também, andei naqueles teatros todos, coisas lindas, e também tínhamos sempre de ficar lá, portanto, o hotel, a gente era uma equipa pequena, mas tínhamos sempre o hotel, tínhamos sempre as despesas de deslocação, tínhamos sempre essas questões todas, é verdade que a questão do avião, o transporte aéreo, pode cortar-nos um bocadinho as pernas, mas, volto a dizer, eu não acho que seja impossível, eu acho que é preciso haver mecanismos para que isso aconteça e às vezes, as coisas ficam ali pelo caminho, porque depois ninguém se chega à frente, é normal, quer dizer, que está toda a gente preocupada também com as suas próprias coisas, isto é normal, e eu penso que no futuro, se houvesse um organismo que que facilitasse este passo, ok, até mesmo dentro da própria câmara, dentro da própria do próprio governo, haver uma estrutura que facilita-se esta união, entre as várias casas da cultura, os vários teatros, os órgãos de educação, eu acho que é mesmo por aqui, acho que é este o futuro. As plataformas digitais, já são há muito tempo, ora, há quanto tempo a gente já ouve falar dos cursos *online* da Berklee e outras instituições, agora tens é de fazê-los render, não é? Podem haver aulas *online*, mas têm de ser pagas, e este período, que nós vivemos de quarentena, foi isso mesmo, foi um teste a isso, porque a gente demos aulas, e estávamos a ser remunerados por isso, e os alunos estavam a pagar por, isso mais ou menos, houve ali uma fase que não pagaram uma mensalidade, mas, depois voltaram a pagar, e portanto, eu acho que isso é importante, porque estamos sempre a falar do tempo e da dedicação e da arte das pessoas, portanto, eu acho que acima de tudo, aqui a palavra-chave é, a devida atenção, o devido respeito, dignidade da profissão e para isto acontecer tem que começar por nós próprios.

**Gonçalo Caboz**

Tinha o microfone desligado...

Não sei se querem acrescentar alguma coisa?

## **Paulo Esteireiro**

Eu gostaria ainda de acrescentar duas coisas muito rápidas, se calhar, porque estamos um pouco já adiantados na hora, não é?

Eu aqui penso que há duas coisas que eu acho que é importante no futuro, uma delas tem a ver com o tal reconhecimento social, e a união entre os músicos. Eu penso que aí há coisas que poderiam, de algum modo ser feitas, de modo simples e que não são muito complicadas.

Para começar, eu acho que alguma instituição pública deveria de algum modo assumir a atribuição de prémios, cá na Madeira. Nós vemos que as pessoas fazem trabalhos ao longo do ano, e nós vemos que no Continente há prémios para o músico revelação, há prémios para a carreira do músico, há prémios para o disco do ano, não sei quê, e tudo isso, apesar de tudo, parecendo que não, são coisas que motivam as pessoas, portanto, eu posso dizer que já criei quatro ou cinco prémios diferentes, ligado quer à Direção Regional de Educação, quer ao Conservatório, não é, quer ligado ao prémio do professor, portanto, que se destacou num ano na educação artística, uma instituição ligada à educação artística, alguém ligado aos instrumentos tradicionais, como executante, alguém que dedicou a sua vida, portanto, este tipo de prémios são importantes porque, apesar de tudo, para começar, são por assim dizer um incentivo extra, que às vezes as pessoas podem desanimar por vários motivos, e ao ver que a sociedade reconhece, é mais, um balsamo, algo que dá à pessoa para renovar, e eu penso que em todas as profissões, é importante haver isto, não só nos músicos. Não é por acaso que há prémios em todas, mas nós cá Madeira, estranhamente, não temos ainda prémios para os músicos, né? E depois junto a isso, eu tenho coordenado cá na Madeira, todos os anos um congresso de educação artística, ultimamente junto até com a Filipa Silva, quer na direção regional de educação e agora também em parceria com o conservatório e eu acho que um congresso, das pessoas ligadas à música, poderia ser um passo interessante para a criação da tal associação, sindicato, o que fosse, uma questão que fosse era, as pessoas primeiro tem que se unir. Eu vejo neste congresso de educação artística que nós organizamos todos os anos em setembro, aqueles colegas que estão em escolas diferentes, encontram-se ali muitas vezes, num único momento ao longo do ano,

apesar de dizermos que a Madeira é uma ilha pequena, o que é certo, é que a maior parte daqueles professores, muitas vezes só se encontram ali.

E eu acho que também os músicos precisam desses momentos de convívio, porque a distância, como se costuma dizer, longe da vista longe do coração, não é, e às vezes os entendimentos são difíceis, porque a gente desconhece, porque estamos longe, e portanto, estes momentos de congressos, de eventos em que estamos juntos, era importante, e podia se realmente haver... uma coisa que nós fazemos é, as pessoas estão a falar, dizem as suas conclusões, duas a três conclusões antes, e nós no fim preparamos um relatório com as medidas importantes para o setor, na área de educação artística, e muitas delas depois são implementada no ano seguinte, na educação, porque são propostas desses conferencistas e etc. A mesma coisa nos músicos, eu penso que poderia este congresso trazer um pouco de inovação na área, podia haver os tais momentos de formação, que o Márcio falou muito bem, podia haver estes prémios, podia haver aqui um conjunto de coisas, mas para as pessoas que fazem atuações, que gravam, tudo ligado ao mundo da música, na produção, em todas as vertentes da música. Eu penso que esse é um momento de união que seria importante, e também desse reconhecimento. Depois outra questão, é os tais espaços de atuação que até a Vânia também estava a falar, do correr às vezes os espetáculos por vários sítios, uma das coisas que se nota, e é um problema velho, que sempre que há estes debates como o que estamos a ter agora, há falta de espaços para atuação. E aquilo que se nota, mesmo nos dados estatísticos da cultura, quando se compara a Madeira com outras áreas, que aqui temos uma falha, e que poderíamos realmente ter mais, porque no fundo imaginemos, a lotação de uma sala significa mais dinheiro para o artista que vai atuar, se ele atuar para setenta pessoas, ele tem um potencial de vendas x, naturalmente se tivermos aqui salas de duzentos lugares, trezentos, trezentos e cinquenta, aumenta um pouco a lotação, mas acima de tudo, um dos problemas que temos é, há falta de lotação na Madeira porque há poucos espaços, para cobrar bilheteira, toda a gente a lutar pelo teatro, o matadouro nunca mais avança, andamos aqui há anos à espera do matadouro, o próprio governo, não tem propriamente um espaço no Funchal, e aqui, eu acho que se pensarmos em 2030, que é isso que se está aqui a falar, tínhamos que ter aqui uma reforma forte a nível do espaço de atuação, até porque isso é sem dúvida uma das medidas estruturais para o setor e é haver mais auditórios, nem que sejam pequenos, porque no fundo nós podemos, pensar aqui, temos uma população flutuante de turistas que, se Deus quiser, vai voltar naturalmente em grande fulgor no próximo ano, e é aí, é



preciso uma oferta grande, precisamos ter o nosso *West End*, não é, aqui no Funchal, com vários espaços e com várias salas, porque é isso que depois também permite aos artistas que preparam os espetáculos, poder ter mais atuações e não estar à espera para atuar no teatro, uma, duas, três vezes por ano, mas ter uma regularidade de atuação mais forte.

Pronto, e no fundo era isso que eu tinha para dizer.

Muito obrigado pelo convite e venham mais debates, e que venham mais ideias e que acima de tudo, que se comece a implementá-las.

### **Gonçalo Caboz**

Márcio não sei se quer...

### **Márcio Faria**

Eu concordo, e acho que também a aproximação deve ser feita, dou exemplo de um projeto ? 01:08:39, eu acho que a nível institucional também pode-se promover, quando um artista vem de fora para cá, que haja um trabalho também de colaboração com os artistas de cá, um dos exemplos foi o meu ? 01:08:51 veio o Salvador, não é? E que tocou e participou com músicos de cá, e que fizeram um projeto e depois o que é que aconteceu? O projeto foi para lá, e quem também foi, os músicos de cá para lá. Foi uma consequência quase inevitável. E não só para tocar, eu sei que já têm vindo a fazer, mas também aproveitar a vinda desses músicos, de pessoas com outras experiências e bagagens, também para, formações, workshops, apresenta-los aos alunos, é divinal porque eles conheceram pessoas, eu lembro-me há uns tempos atrás que eu fui a Alcobaça ao ? 01:09:26 Nacional de Acordeão com um aluno, e esse aluno ia tocar uma peça de um senhor que estava lá, de um compositor, e que teve a oportunidade de chegar ao pé do compositor e perguntar, então quando você escreveu esta música, em que estava a pensar? E o compositor, ele próprio, deu sugestões aos alunos, e aquele olhar radiante dos alunos... por isso é que eu falo muito em aproximação, e eu acho, acredito que às vezes possa ser, não digo mais fácil mas, possa ser mais acessível através de instituições, através das instituições, sei que o Funchal Jazz já faz isso, não é, vêm os artistas de fora, o ? 01:10:11 já chama os artistas, eu fui lá outra vez, o Paulo tem toda a razão, não há mais espetadores, porque não há sítio. Porque eu fui à *Master*



*classe* do Funchal Jazz, e tava cheio de gente, tava cheio de pessoas com vontade de falar com os músicos, de tocar com eles, alunos, professores, músicos estava toda a gente lá, e eu acredito plenamente, por exemplo, que uma orquestra clássica, ou um espetáculo, um musical, se houvesse mais espaços, mais pessoas cabiam, maior investimento, maior rentabilidade quer para o espaço, quer para os músicos. Eu acho que realmente, aquilo que o Paulo falou é muito pertinente, uma organização estrutural, e isso é, um grande ponto a ser desbravado.

Também queria agradecer aqui o convite, e agradecer aos meus amigos, que também são amigos, o Paulo e a Vânia, e pronto, Gonçalo, conheci-te hoje, um bem-haja e que nos encontremos aí, nos palcos.

### **Gonçalo Caboz**

Há-de acontecer.

Não sei se a Vânia ainda quer dizer alguma coisa.

### **Vânia Fernandes**

Só agradecer também, foi um prazer, eu acho que sim, as conversas são as melhores coisas que se podem ter. Acho que desta conversa se tirou muita coisa, e acho que é importante se fazer ouvir as pessoas que estão no terreno e que fazem as coisas, porque, pronto, a visão é sempre diferente, e pronto, acho que é sempre, acho que há sempre coisas muito boas a se tirar, portanto, muito obrigada pelo convite, ao teatro, muito obrigada pelas suas perguntas Gonçalo e obrigada Paulo e Márcio pelas palavras, porque tudo o que disseram foi magnífico, obrigada.

### **Gonçalo Caboz**

Queria agradecer também o convite, e queria agradecer também aqui a vocês, ao Márcio, à Vânia e ao Paulo, e se calhar então damos assim por terminada a nossa conversa.

Abraço.

Obrigado por terem assistido.